

NARRATIVAS DE ADOLESCENTES SOBRE DROGAS: FAMÍLIA, ESCOLA E O PARADIGMA DA ABSTINÊNCIA

Marcia de Bastos Braatz
Daiane Carine Klein
Edna Linhares Garcia
Evelin Helena Torrel
Rayssa Madalena Feldmann

RESUMO

Este artigo integra os estudos da pesquisa intitulada Narrativas de adolescentes sobre drogas e os serviços de saúde mental CAPSIA e CAPSAD: intersecções possíveis no contexto de Santa Cruz do Sul. Apresenta reflexões decorrentes da análise de narrativas de adolescentes escolares sobre drogas, evidenciando a complexidade que envolve temas como família, escola e a abstinência. Seguindo a proposta metodológica de análise dos sentidos produzidos nos discursos, o artigo discorre sobre como esses contextos respondem por sentidos diversos, configurando fatores de proteção e risco para o uso de drogas, bem como fatores de interdição e propiciação, no âmbito da adolescência. Discorre sobre a questão da abstinência que ora aparece como sinônimo de tratamento, ora tem seu paradigma problematizado. A guisa de conclusão ressalta, entre outras considerações, a fundamental necessidade de se realizar pesquisas e estudos sobre a temática de drogas junto aos adolescentes, acolhendo, por meio de uma escuta especializada, o direito de fala sobre seus modos de vida, sob o risco de se elaborar ações de prevenção ao uso de drogas e de promoção de saúde que continuem sem alcançá-los.

Palavras-chave: Adolescentes. Drogas. Escola. Abstinência.

INTRODUÇÃO

A adolescência como uma etapa do ciclo vital é marcada por diversas modificações biológicas, psicológica e sociais, caracterizando-se assim, como um momento de grande instabilidade e fragilidade, no que tange ao desenvolvimento do sujeito. (MOREIRA; NIEL, SILVEIRA, 2009). Neste sentido ressalta-se a necessidade de voltar a atenção para esse processo de desenvolvimento, comum a todos na nossa cultura contemporânea.

Almeida (2011), pontua a importância do desenvolvimento de ações voltadas a saúde dos adolescentes e considera ser a escola um ambiente privilegiado para essas intervenções. O espaço escolar reúne condições que podem potencializar essas ações de atenção e cuidado para com o adolescente, desde que facilite relações democráticas e conserve ambiente de aprendizagem consciente.

Atualmente, o uso de drogas tem sido compreendido como um problema de saúde pública, despertando intensa preocupação em relação aos adolescentes, tendo em vista que estes passaram a ocupar um lugar significativo nas estatísticas que demonstram o uso de drogas de forma extrema e desde muito cedo neste período de vida. (GARCIA, 2012).

No que se refere as formas que as escolas reagem a essa realidade, Carlini-Cotrin (1998) pontua que as escolas ao serem pressionadas para assumirem uma postura eficiente e rápida diante da emergência do uso de drogas entre os escolares, findam por evidenciar uma condição de despreparo pedagógico frente as situações que se apresentam. Cabrerizo e Iocca (2014, p. 311), ao se referirem a esta realidade, afirmam que “as relações pedagógicas na escola procuram, geralmente, expor o problema como um crime e pouco traduz das ações de prevenção, principalmente, das causas geradoras que levam a este universo”.

O ambiente escolar ocupa na vida do adolescente um lugar de partilha, identificação e segurança entre os pares. Ao se considerar as características de adolescentes, Almeida et al. (2011) ressaltam que estes procuram no grupo de companheiros, encontrar sua identidade e respostas para suas ansiedades. Assim, o trabalho em grupo com adolescentes constitui uma estratégia privilegiada que facilita a expansão dos sentimentos, a troca de informações e experiências, bem como a busca pela solução de problemas. (ALMEIDA *et al.*, 2011).

Dessa forma, é indispensável que haja uma interlocução entre saúde e educação, para que se possa pensar e traçar estratégias efetivas de promoção de saúde e prevenção ao uso de drogas entre os adolescentes. Nesse sentido Moreira, Vóvio e De Micheli (2015, p. 122) destacam:

[...] para pensarmos a prevenção/promoção de saúde no ambiente escolar, é preciso perceber a educação para além de um processo de socialização e integração somente, mas concomitante a um caminho a partir do qual se constroem sistemas normativos e valores para a vida marcando assim a dimensão política.

Tendo em vista essas considerações e objetivando compreender como a droga perpassa o cotidiano e se faz presente ao longo da subjetivação dos adolescentes, realizamos uma pesquisa no contexto escolar intitulada “Narrativas de adolescentes sobre drogas e os serviços de saúde mental CAPSIA e CAPSAD: intersecções possíveis no contexto de Santa Cruz do Sul, buscando aproximar cada vez mais as ações de prevenção ao uso de drogas e de promoção de saúde com a real necessidade dos adolescentes. Por meio de um modo de escuta que não é tomada pelos discursos totalitários ou dogmáticos frente a juventude e a droga, mas delineada por uma proximidade dos sujeitos adolescentes escolares, escutamos como os grupos de adolescentes narram seus anseios, desejos, medos, ideais, assim como seus sonhos, silêncios, hesitações, discursos que abrem acessos a muitas significações e sentidos.

O presente artigo contempla algumas reflexões decorrentes da análise de dados da pesquisa realizada. Apresentamos inicialmente um recorte sobre o percurso da pesquisa e

sobre o recurso metodológico utilizado na produção e análise de dados. Em seguida elegemos três temas, dentre muitos outros que foram se delineando ao longo das análises das narrativas dos adolescentes, sobre os quais elaboramos reflexões que consideramos pertinentes para subsidiar trabalhos que se direcionem a esta população. Por fim, tecemos considerações gerais a título de conclusão, apontando para a fundamental necessidade de se realizar pesquisas e estudos sobre a temática de drogas junto aos adolescentes, acolhendo, por meio de uma escuta especializada, o direito de fala sobre seus modos de vida, sob o risco de elaborarmos ações de prevenção ao uso de drogas e de promoção de saúde que continuem sem alcançá-los.

Recortes de um longo caminho percorrido

A pesquisa da qual decorre o presente artigo configura a continuação das análises dos dados produzidos junto aos adolescentes escolares, acrescida das discussões realizadas junto ao CAPS Infantil e Adolescente (CAPSia), no contexto do município de Santa Cruz do Sul.

Os estudos sobre a temática da droga e dos problemas decorrentes do uso indevido teve início no ano de 2010, quando elaboramos a pesquisa intitulada “A Realidade do *crack* em Santa Cruz do Sul”, cujos objetivos, naquele momento, centravam-se na realização de um diagnóstico local do uso de crack no município de Santa Cruz do Sul, com a finalidade de empreendermos estratégias de atenção e cuidado a usuários e familiares.

As análises dos dados produzidos por meio de entrevistas semiestruturadas com 100 usuários e 100 familiares revelaram a necessidade de dar continuidade a pesquisa, que então teve ampliados seus objetivos, buscando analisar qualitativamente as entrevistas de familiares e de usuários, a fim de, a partir de seus discursos, oferecer subsídios coerentes com as reais demandas dessa população. Esta fase da pesquisa, então desenvolvida nos anos de 2012, 2013 e 2014, possibilitou adentrar a complexidade que a temática envolve e implica os diversos setores da sociedade, e desta forma, propor novos estudos em interlocução com setores de saúde e de educação do município na busca de novos movimentos de prevenção ao uso de drogas e atenção a comunidade local com relação a temática.

Nesta perspectiva, realizamos encontros intersetoriais que possibilitaram a elaboração e execução anual do Fórum de Discussão sobre Drogas, evento que este ano terá sua 7ª edição, e que articula a tríade pesquisa, ensino e extensão, tendo alcance tanto para a comunidade científica, quanto para a comunidade geral. A realização dos Fóruns de discussões sobre Drogas, possibilitaram uma aproximação com adolescentes Escolares do

Município, bem como, com demais participantes, como agentes comunitários de saúde, professores e acadêmicos da Universidade.

Mas foi sobretudo estes encontros com os adolescentes que nos convocaram para responder a necessidade de uma escuta mais voltada a adolescência, o que resultou na 2ª fase da Pesquisa, intitulada “A Realidade do *Crack* em Santa Cruz do Sul: Análise das narrativas dos adolescentes sobre a temática das drogas”.

Esta fase teve o intuito principal de dar voz aos adolescentes, considerando as diversas relações que se estabelecem nesta dimensão da vida e os processos de subjetivação que o compõe. Passamos a entender que o abuso de álcool e outras drogas por adolescentes se constitui atualmente como uma problemática de saúde pública e desta forma, requer um olhar comprometido que atente para as várias dimensões que compõe o cenário da drogadição na contemporaneidade. Tornava-se evidente que para além de uma questão de saúde devíamos considerá-la como um problema que exige reflexões de ordem interdisciplinar. (RAUPP, 2006).

Assim, a produção de dados obtidas desde 2015 tem possibilitado estar com adolescentes Escolares do Município de Santa Cruz do Sul, os quais, de forma circular e livre, puderam falar sobre si e sobre as suas relações, evidenciando em seus sonhos, medos, desejos e desafios de vida, diversos atravessamentos que fazem relação com as drogas.

Esta investigação também nos mostrou a importância de uma ‘pesquisa ativa’, ou seja, uma investigação por meio da qual, para além dos dados científicos, construíssemos espaços de atenção e escuta, o que se mostrou possível com a realização de uma pesquisa/ação (THIOLLENT, 2011) sobre a temática das drogas.

O percurso de estudos realizados até então nos impõe uma urgência para a reflexão sobre a temática das drogas a partir do ponto de vista do adolescente, especialmente ouvindo e problematizando os processos que compõe a constituição do sujeito neste contexto, bem como a promoção de encontros com setores públicos e privados, que alicercem, junto da pesquisa, novos caminhos preventivos.

Constatamos, a partir dos estudos realizados até o momento, a carência de dados científicos atualizados relacionados ao mapeamento da drogadição no município, principalmente com relação a adolescência. Em contato com setores de referência, concluímos sobre a necessidade de realizarmos estudos em conjunto dando continuidade à análise dos dados obtidos a partir das narrativas dos adolescentes, e podendo problematizar este cenário no município.

Desta forma, o presente artigo refere-se à continuidade de transcrições, análises e estudos sobre os encontros realizados com os adolescentes, processo que já se articula à

análise de novos dados em fase de produção junto ao CAPSia e ao CAPSad do município de Santa Cruz do Sul.

Um modo de caminhar

A análise das narrativas dos adolescentes sobre a temática das drogas lançou mão da proposta metodológica de Mary Jane Spink (2000), a qual refere a análise a partir dos sentidos produzidos no cotidiano. Assim, analisamos os sentidos produzidos nos discursos dos adolescentes acerca de como as drogas perpassam seus cotidianos, bem como, seus processos de subjetividade neste contexto.

Para a produção dos dados realizamos grupos focais com adolescentes escolares e em seguida, efetivamos a “transcrição sequencial” (SPINK, 2000), ouvindo previamente as entrevistas antes de transcrevê-las, com o objetivo de uma maior familiarização com os dados produzidos. Dessa forma, por meio de três Grupos Focais realizados em cada uma das três escolas envolvidas nesta pesquisa, produzimos um vasto material de estudos, entre estes, 150 páginas de entrevistas transcritas, sobre as quais demos continuidade as análises. Ao longo do processo, elaboramos importantes considerações em torno das categorias que emergiram por meio das análises das narrativas dos adolescentes.

Para efeito do presente artigo, elegemos três temáticas que delineamos como categorias, a partir dos sentidos que foram se produzindo nas narrativas. São estas: família, escola, trabalho e o paradigma da abstinência.

RESULTADOS

Os adolescentes fazem diversas referências à família como elemento que assume grande importância em suas vidas e em função da qual têm intensificado sentimento de medo e tensão. Em muitas famílias, a droga faz parte do dia a dia, seja no consumo, seja no tráfico que dá suporte ao acesso aos recursos materiais da própria família. Mas a violência cotidiana produzida neste contexto marca as relações e as vidas dos adolescentes:

“O que eu tenho medo é de perder o meu irmão. De morrer eu não tenho medo...”. A1

“É meu irmão levou um tiro de fuzil...Tava dentro de casa...Vai fazer oito anos...” A2

Constatamos que, mesmo quando existem integrantes da família que são usuários de drogas, e que estas estão acessíveis já em casa, o que pode configurar risco para o adolescente, a família aparece sobretudo como acolhedora, constituindo apoio para que os adolescentes não iniciem o uso ou para que o abandonem:

“Eu fui (internado) por causa da minha filha. Quando ela nasceu, quando eu soube que ia ser pai”. A3

“Minhas irmãs usam...tem em casa. Elas ficaram meio que dependente. Todas as vezes que elas saem elas têm que usar, entendeu? Porque se elas não usam, tipo, elas não conseguem se divertir. Daí elas falam para mim que meio que elas usam, elas não querem ver eu usando, entendeu? Porque elas querem que eu tenha um futuro diferente do delas”. A4

A figura materna aparece nos relatos dos adolescentes assumindo grandes responsabilidades sobre o cuidado, interdição e a educação:

“É, a minha mãe me tirou das drogas. Ela me criou sozinha a vida inteira. Minha mãe que me deu o que comer, durante 12 anos, me deu o que comer, vestir, casa. Sempre foi ela, não tive pai, não tive nada...entendeu? Sempre foi ela”. A3

Ao mesmo tempo em que se evidencia gratidão pela figura materna e vontade de retribuí-la oferecendo-lhe apoio, alguns relatos dos adolescentes também nos permitiram refletir sobre as dificuldades encontradas pela mulher na sociedade:

“Quero mudar de lugar, pra um lugar mais calmo pra ajudar minha mãe”. A5

“Meu maior medo é esse, perder minha mãe... Porque minha mãe já levou pra essa casa até demais...” A3

“É que assim "ó" minha mãe sempre me ensinou que de noite, menina não é pra tá na rua, então eu acostumei, eu não vou...”. A6

Nos relatos sobre suas rotinas identificamos que muitos dos adolescentes conciliam o estudo ao trabalho:

“De manhã eu vou no colégio e de tarde tem que trabalhar”. A7

“Saio cedo né, vou trabalhar”; A9: “Meu tempo ficou dividido entre trabalho e os estudos”. A8

Muitos ainda trabalham em casa, desenvolvendo tarefas domésticas, o que descrevem como ocupação. Mas fazem referência ao trabalho de uma forma diferente quando falam sobre o que esperam do futuro, ou seja, se referem ao emprego que almejam como uma identidade social. Além disso, demonstram entender a importância do estudo para isso:

“Eu quero terminar o colégio também, terminar o colégio e fazer faculdade e ter um emprego bom.” A10

“Meu sonho? Tipo me formar, só isso. Me formar, tipo, não no colégio assim, na faculdade.” A11

“Agora eu quero começar, ano que vem eu já posso fazer a minha carteira de trabalho. Eu quero começar a trabalhar pra pagar as coisas, pra fazer minhas coisas, que eu quiser comprar, enfim, fazer algum curso e depois começar a fazer faculdade de Biologia. E me formar, daí fazer uma casa, enfim uma vida.” A12

Sobre tratamentos para uso de drogas, os adolescentes relatam apenas experiências de internações:

“Eu usava pó, fui internado 14 de dezembro e sai a pouco tempo.” A13

“... Esse meu irmão ele foi internado duas vezes”. A14

Mas apresentam um senso crítico a essa lógica de tratamento, entendendo que o contexto social em se encontram inseridos permanece o mesmo após a internação, o que segundo dizem, estimula a retomada do uso:

“... Aí volta para casa, ele não para, entendeu? Porque quando ele tá internado lá ele só não usa droga porque ele fica trancado, tipo numa sala, sabe? Daí, tipo, a pessoa tem que aprender a viver com a droga, porque não adianta tu ser internado, né? Tu não tá aprendendo a conviver com a droga, tu só não tá usando porque tu não tá vendo.” A4

“Às vezes não é o cara não querer... Eu acho assim ó, tu não usa porque tu não quer, mas daí tu é dependente daquilo e vem alguém né, eu sei que ele é dependente, eu vou ali e ofereço para ele e ele vai cair né. Daí foi uma influência minha entendeu? Não foi porque ele procurou”. A 15

Percebemos que os adolescentes não conhecem o que é a estratégia de redução de danos e sim a lógica da abstinência, que permeia seus discursos. E ainda, desvaloriza o seu autocontrole quando diz ter diminuído a droga para “apenas” o final de semana, sem se dar conta que já é a maior parte dos seus dias.

“É, só que eu só paro (de usar droga) de segunda a sexta, daí... Não uso nada. Mas chega a sexta...” A15

“... Sim, mas daí segunda a sexta só (fica abstinência)”. A15

DISCUSSÃO

Relações familiares e questões de gênero

A partir das narrativas dos adolescentes evidenciamos a necessidade de flexibilizar algumas verdades ou discursos que tratam a família como fator de risco. Em entrevistas realizadas a usuários de *crack*, Horta *et al.* (2014), mostraram reconhecer a interferência do uso sobre o ambiente familiar, mas não da família sobre seu comportamento de consumo. Conforme este estudo, os usuários assumem que os prejuízos no ambiente doméstico são em decorrência dos episódios de consumo da droga e contribuem para a repetição do uso, mas não para o início.

Como evidenciado nos grupos focais, torna-se necessário considerar também outros fatores responsáveis pelo início do uso, que independem da organização da família e que estão relacionados a uma “desorganização” social. Constatamos que alguns sentidos produzidos apontam para a ausência do pai como fator implicado na determinação do uso extremado de drogas, mas a família não é apenas referenciada por essa falta.

Para Occhinie Teixeira (2006) assim como a família pode ser primordial para evitar o consumo de drogas, ela pode assumir um importante papel no cuidado em processos

terapêuticos, na busca por tratamento e ao longo da recuperação. Os adolescentes que participaram da pesquisa demonstraram que as famílias auxiliam a evitar o consumo de drogas quando dialogam sobre as consequências negativas e servindo de motivação para que pensem com responsabilidade sobre os seus futuros. Pensar sobre o futuro inclui, para estes adolescentes, realizar o desejo de oferecer melhores condições financeiras, tanto para as mães quanto para seus filhos.

Os adolescentes demonstram vontade de proteger e de retribuir os cuidados prestados exclusivamente pela figura materna, pois a figura paterna é pouco referenciada nos relatos deles. A mãe, apesar de ser citada como principal figura de apoio parece, em contrapartida, representar uma figura vulnerável, evidenciando que apesar das mulheres mostrarem condições de manter uma família, com suporte financeiro e emocional, socialmente ainda encontram diversas dificuldades relacionadas às questões de gênero. Conforme a Organização das Nações Unidas - ONU (2015), embora seja possível perceber uma maior inserção da mulher no mercado de trabalho, assim como mudanças na divisão de tarefas domésticas, ainda encontramos em vários contextos, situação na qual a maior responsabilidade pelas atividades relacionadas com os cuidados dos filhos, a saúde, a educação recai sobre as mulheres. Mas estas atividades ainda não são reconhecidas como deveriam, o que influencia para que as mulheres enfrentem diversos desafios quando tentam corresponder as exigências que a sociedade lhes dirige.

Escola e trabalho

Para que tenham condições de proteger suas famílias os adolescentes mostram perceber a importância da dedicação aos estudos, já que entendem como uma forma de conquistar os empregos que almejam. Contudo, a maioria está atrasada em relação a escolaridade, situação que certamente se relaciona com a necessidade de terem que conciliar trabalho e escola.

Em seus discursos, os adolescentes expressam a diferenciação que fazem entre o trabalho e o emprego, indo ao encontro do que assinala Abarnoz (1988), quando diferencia estes dois termos, referindo que o emprego é o trabalho institucionalizado e o trabalho uma atividade temporária.

Em alguns momentos dos grupos, os alunos se referem ao trabalho como uma necessidade, como forma de sustento, o que faz parte da rotina de grande parte deles. Mostram não fazer muita questão de revelarem lugar onde trabalham atualmente, pois associam a algo que apenas lhes fornece um “dinheirinho” (sic), não demonstrando nenhuma identificação com o que fazem. Albornoz (1988), assinala que o trabalho ocupa, para muitas pessoas, o lugar de um fardo, mas necessário. A autora afirma que para que o

trabalho tenha algum sentido na vida do sujeito é fundamental que este seja visto como uma conquista, uma fonte de prazer.

Em outros momentos, os estudantes se referem ao trabalho como algo que faz parte dos seus sonhos, que é como querem ser identificados futuramente. Afinal, o trabalho na sociedade tem uma grande importância, pois constantemente somos identificados a partir dele. Esta condição está fortemente veiculada na mídia quando identifica os sujeitos nas entrevistas ou outras aparições veiculadas, pela função que desempenham. Assim, os adolescentes escolares demonstram a vontade de apenas serem identificados pelo trabalho a partir do momento em que tiverem um trabalho que os orgulhe e que faça algum sentido nas suas vidas.

Certamente, o alcance da condição descrita acima depende, diferente do que geralmente são convencidos a pensar, não somente de suas dedicações na busca de realizar seus sonhos e vontades, afinal mostram que isto não lhes faltam, mas fundamentalmente das oportunidades que lhes apresentarem, pois que muitas vezes são limitadas. Para Albornoz (1988, p.82): “quando se pensa que os desempregados o são porque não desejam trabalhar, o sistema aperfeiçoa as formas de repressão à vadiagem, por leis repressivas ao próprio desemprego”.

Abstinência e redução de danos

Tendo em vista que os adolescentes não mencionaram outras formas de tratamento, além da internação, sustentada no paradigma da abstinência, torna-se importante refletirmos sobre a repercussão desses conceitos na sociedade contemporânea. Sobretudo, consideramos aí implicado a hegemonia do discurso proibicionista acerca do uso de drogas, o qual supomos subsidiar uma possível compreensão do discurso dos adolescentes, participantes da pesquisa, em relação ao tratamento para uso de substâncias psicoativas.

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (2013), a marca de desqualificação moral e social atribuída aos indivíduos que possuem algum tipo de relação com o uso de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas, está ligada a processos histórico-culturais, especialmente implicados na trajetória da qual se produziu o atual consenso proibicionista no século XX. Em grande parte das sociedades ocidentais modernas constata-se que, por meio de critérios obscuros, é designada a ilegalidade de algumas substâncias, e a partir de tal designação, associa-se a desqualificação e marginalização social dos indivíduos que lançarem mão dessas substâncias, agregando processos de criminalização, condenações valorativas, preconceitos, produzindo preocupação social e sentidos de ameaça para sociedade.

Em relação às estratégias de cuidado, o proibicionismo gera práticas violadoras de direito e de tutelas, sustentadas no modelo moral/criminal, fortalecendo o modo de encarceramento, onde o tratamento tem como objetivo a abstinência. O paradigma da abstinência é “uma rede de instituições que define uma governabilidade das políticas de drogas e que se exerce de forma coercitiva na medida em que faz da abstinência a única direção de tratamento possível” (PASSOS; SOUZA, 2011, p. 157), sendo reforçado pela política antidrogas e os estereótipos diariamente reafirmados pela mídia.

A lógica da abstinência permeia os discursos da sociedade e muitas vezes dos próprios profissionais de saúde, principalmente pelo desconhecimento das ações da Redução de Danos. Tal afirmação expressa-se nas falas dos adolescentes, que consideram um fracasso ter diminuído o uso de substâncias para apenas o final de semana, trabalhando e estudando durante os outros dias. A fala do adolescente traz o tom contrário, afirmando que “somente consegue parar durante a semana” – o que, na verdade, é a maior parte de seus dias.

Diante da reflexão realizada acima, pode-se pensar que estes adolescentes não conhecem o que é a estratégia de redução de danos, além disso, eles não referenciam os serviços especializados em saúde mental, como CAPSia e CAPSad, mantendo uma compreensão reduzida e voltada para o não uso, abstinência e internação como a única forma de tratamento.

A redução de danos (RD) é uma estratégia de saúde pública, que tem por objetivo diminuir os agravos que são trazidos a saúde dos sujeitos e as prováveis consequências decorrentes da prática de condutas entendidas como de risco. Exemplos disso são: a prática de relações sexuais sem o uso de preservativos, o compartilhamento de agulhas e seringas, a direção de veículos sob efeito de substâncias psicoativas, *etc.* (BRASIL, 2001 *apud* RIBEIRO; FERNANDES, 2013).

Nesta perspectiva, a redução de danos envolve um conjunto de intervenções que busca prevenir as consequências negativas do consumo das substâncias psicoativas, sem ter exigência automática e imediata da abstinência. Entre essas intervenções, se destaca a distribuição de agulhas, cachimbos, seringas, a realização de palestras educativas, bem como encaminhamentos de usuários. (RIBEIRO; FERNANDES, 2013).

Desse modo, entende-se a redução de danos como uma estratégia que visa inserção nas ações do cuidado, ou seja, o usuário tem que ser protagonista de seu cuidado e o serviço deve agir como fortalecedor de suas atitudes de vida, onde o vínculo é considerado como uma estratégia para a autonomia. Sendo assim, este cuidado funcionará quando o usuário procurar o serviço e/ou o serviço realizar uma busca no território. (BRASIL, 2015).

Dentro desta perspectiva podemos compreender que mesmo que o adolescente citado acima, já tivesse conseguido diminuir o uso para só os finais de semana, o mesmo não tinha entendimento que isto era uma maneira de reduzir danos, como também não valorizava o fato de seu autocontrole reduzir o uso para somente dois, três dias na semana. A questão que aqui se encerra é que em nenhum momento durante a realização dos grupos os adolescentes trouxeram conhecimento sobre o CAPS ad, nem sobre a estratégia de redução de danos.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

A partir dos desdobramentos desta pesquisa buscamos compreender como a droga perpassa o cotidiano e se faz presente no processo de constituição dos sujeitos aqui mencionados. Percebemos o contexto escolar como local privilegiado de interlocução com esses jovens, bem como um espaço de promoção e prevenção de saúde.

Com a análise dos dados produzidos nos encontros de grupos focais com adolescentes escolares, construímos reflexões acerca das temáticas que mais se sobressaíam no discurso dos mesmos. Estas foram nomeadas de categorias e assumiram papel norteador no processo de compreensão destas realidades. A partir disso, foi possível refletir acerca das relações familiares e sobre questões de gênero, que sustentam processos de constituintes destes sujeitos. Percebemos ainda que os adolescentes trazem em seu discurso a forte presença da mãe, principalmente como fator de proteção ao uso de drogas, fazendo referência aos conselhos e investimentos das mães e, por diversas vezes expressando o desejo de retribuição, numa esperança de um dia poder ajudá-las financeiramente.

Constatamos o quão forte é para os adolescentes a ausência do pai, produzindo sentidos que apontam para um sentimento de esvaziamento, de serem destituído de tudo ou ainda, de desvalorização de tudo o mais que possuem.

Em relação a escola e ao trabalho, os adolescentes expressam a compreensão sobre a importância de manterem-se estudando, e ainda colocam a vontade de trabalhar. O trabalho, por sua vez, assume não apenas uma forma de sustento, mas também uma forma de custeio dos planos futuros, incluindo os estudos universitários. Porém, quanto as funções exercidas atualmente, constatamos uma dificuldade ou resistência para falar sobre, donde procede a suposição de inexistência de identificações com o atual trabalho.

Sobre a prática de abstinência e redução de danos, percebemos que os adolescentes não construíram um discurso em relação a redução de danos, apenas elencam a abstinência como forma de tratamento/recuperação efetiva. O que evidencia a ausência de conhecimento sobre a abordagem da redução de danos. Revelou-se ainda

durante as narrativas, que em nenhum momento os adolescentes fizeram referência aos serviços destinados a atenção psicossocial, tais como o CAPSia ou CAPSad, o que revela um déficit em relação a ações possíveis, tanto de prevenção a adição, quanto a promoção de saúde.

Os adolescentes trouxeram em seus relatos questões pertinentes ao meio em que se encontram inseridos, sua realidade social e os atravessamentos culturais; revelando a influência que os espaços sociais e comunitários exercem sobre o uso ou não de drogas. Conforme já anunciado neste trabalho, o uso de drogas psicoativas já assumiu uma face de problema de saúde pública e, a partir das narrativas dos adolescentes percebemos a carência de espaços que acolham e saibam intervir frente a real demanda instaurada no município.

Consideramos por fim, a necessidade de dar continuidade a estudos e pesquisas em conjunto com adolescentes para que se fortaleçam estratégias de prevenção ao uso de drogas e de promoção da saúde nesta dimensão da vida.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, S. *O que é trabalho*. 3. Ed. São Paulo:Brasiliense,1988.

ALMEIDA, J. R. de S. et al. Oficinas de promoção de saúde com adolescentes: relato de experiência. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, v. 12, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3240/324027978022/>> Acesso em: 05 jul. 2017.

BRASIL. Guia estratégico para o cuidado de pessoas com necessidades relacionadas ao consumo de álcool e outras drogas: Guia AD. *Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas*, Brasília, 2015.

CABRERIZO, T. B.; IOCCA, F. A. da S. Drogas no contexto escolar: processo de prevenção e sensibilização. *Eventos Pedagógicos*, v. 5, n. 2, p. 311-320, 2014. Disponível em: <sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/download/1480/1129>. Acesso em: 05 jul. 2017.

CARLINI-COTRIM, B. Drogas na escola: prevenção, tolerância e pluralidade. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998. p. 19-30

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Introdução. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogos/os em Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas*. Brasília, 2013, p. 19-25.

GARCIA, E. L. et al. Conhecendo o perfil do usuário de crack de Santa Cruz do Sul. *Barbarói*, 2012.v.36, ed. esp., p.83-95. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/2922/2106>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

- HORTA, R. L. *et al.* Influência da família no consumo de *crack*. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 63, n. 2, p.101-112. 2014. Disponível em: <<http://repositorio.observatoriodocuidado.org/handle/handle/365>>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- MOREIRA, A.; VÓVIO, C.L.; DE MICHELI, D. Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para a atuação do educador. *Educação e Pesquisa*, Enero-Marzo, p. 119-135, 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/298/29835330008/>>. Acesso em: 28. jun. 2017.
- MOREIRA, F. G.; NIEL, M.; SILVEIRA, D. X. da (Coord.). *Drogas, família e adolescência*. São Paulo: Atheneu, 2009.
- NOGUEIRA, M. L. M. Subjetividade e materialidade: cidade, espaço e trabalho. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21, n. 1, p. 69-86, 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/195/270>>. Acesso em: 30. jun. 2017.
- OCCHINI M.F., TEIXEIRA M.G. Atendimento a pacientes dependentes de drogas: atuação conjunta do psicólogo e do psiquiatra. *Estud Psicol* (Natal). 2006; v. 11, n 2, p. 229-236. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v11n2/a12v11n2>>. Acesso em: 30 jun. 2017.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. ONU MULHERES. *Estereótipos de gênero, carreiras e profissões: diferenças e desigualdades*. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/07/valente_aula5_genero_profissoes.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2017.
- PASSOS, E. H.; SOUZA, T. P. Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de “guerra às drogas”. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. 1 p. 154-162, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a17v23n1.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2017.
- RAUPP, L.; MILNITSKY-SAPIRO, C. Adolescência, drogadição e políticas públicas: recortes no contemporâneo. *Estud. psicol.* (Campinas), v. 26, n. 4. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2009000400005>. Acesso em:16 jun. 2017.
- RIBEIRO, C. T.; FERNANDES, A. H. Os tratamentos para usuários de drogas em instituições de saúde mental: perspectivas a partir da clínica psicanalítica. *Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 260-272, jun, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142013000200006>. Acesso em: 23 mar. 2017.
- SPINK, M. J. P. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 2. ed São Paulo: Cortez, 2000.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Editora Cortez, 2011.
- XAVIER, M. F.; RODRIGUES, P. H. J.; SILVA, M. C. R. A percepção da família no tratamento e suporte de dependentes químicos. *Encontro: Revista de Psicologia*, v. 17, n. 26, p. 99-110, 2015. Disponível em: <<http://www.pgskroton.com.br/seer/index.php/renc/article/view/2419>>. Acesso em: 20 jul. 2017.